



A Tentativa Soviética para a Construção do Exército Afegão

Major Stephen D. Pomper, Exército dos EUA

A EXPERIÊNCIA soviética no Afeganistão durante a década de 1980 oferece muitas lições para as operações militares contemporâneas. A aparente semelhança em que os Estados Unidos se encontram hoje no Afeganistão e no Iraque merece um pouco de atenção às lições aprendidas pelos soviéticos. Muitas dessas lições aprendidas há 20 anos são negativas. A inabilidade de os soviéticos treinarem as Forças Militares da República Democrática do Afeganistão foi apenas uma das facetas de um fracasso muito maior. Segundo o escritor militar Robert M. Cassidy: “Os peritos militares soviéticos sabiam o que fazer para vencer no Afeganistão, mas não o fizeram devido à relutância cultural, ou em outras palavras, à inércia cultural.¹ Os Estados Unidos devem evitar seguir esse exemplo. O treinamento adequado dos militares afegãos e iraquianos é essencial para o sucesso dos EUA e para a região como um todo.

É importante discutir a respeito dos possíveis treinadores soviéticos para entender sua incapacidade de preparar adequadamente as forças afegãs após 1979. Segundo dois especialistas em guerra, Mhommaz Y. Nawroz e Lester W. Grau, o êxito dos soviéticos no Afeganistão exigiu um método de treinar o treinador para “liberar as forças do Governo Afegão de suas missões na guarnição e levá-las para o campo a fim de combaterem a resistência, fortalecendo simultaneamente as forças afegãs, para permitir o retraimento do Exército Soviético após derrotar os rebeldes”.²

Os soviéticos compreenderam claramente que adestrar uma força nativa era vital para a vitória ou, pelo menos, para uma estratégia de retirada

bem-sucedida. Sabiam também que defender as 29 províncias afegãs e sua diversificada população exigiria um grande apoio local. Segundo o planejamento soviético, eles empregariam a maioria dos soldados afegãos, limitando o XL Exército, encarregado da missão, a 115.000 soldados. Os cálculos iniciais do estado-maior soviético não causaram surpresas. Sua estimativa previa que seriam necessários de 30 a 35 divisões para proteger o país — aproximadamente 650.000 soldados.³ Entretanto, o enfoque soviético na Europa e a situação internacional naquele período, relegou a intervenção para uma missão de economia de força.

O Conceito da Campanha Soviética

O conceito geral dos soviéticos para a campanha no Afeganistão foi ambicioso, mas claro:

- estabilizar o país, guarnecendo as principais rotas, cidades, bases aéreas e áreas logísticas;
- dispensar as forças do governo afegão das suas responsabilidades de guarnição e impulsioná-las para o campo a fim de lutarem contra as forças de resistência;
- prover apoio aéreo, de inteligência, de artilharia e logístico para as forças afegãs;
- reduzir a interface entre as forças soviéticas de ocupação e a população;
- aceitar um mínimo de baixas soviéticas e
- fortalecer as forças afegãs para que o Exército Soviético pudesse se retrair após a derrota da resistência.⁴

A estratégia soviética baseou-se numa força mecanizada e de alta tecnologia preparada para

vencer rápida e decisivamente; em outras palavras, a força foi treinada e estruturada para uma guerra de alta intensidade. Sem uma infantaria leve, a força posteriormente adotou a mentalidade ineficaz de “abrigos móveis” para “estabilizar as principais rotas e cidades”.⁵ As quatro divisões, cinco brigadas independentes e três regimentos do XL Exército também entraram no país sem uma doutrina apropriada para o ambiente ou para a contra-insurreição; tampouco estavam bem organizados ou preparados para esse tipo de combate. Apesar de algumas unidades formularem as técnicas, táticas e procedimentos para superar determinados problemas, os soviéticos não estavam preparados para que essas lições aprendidas fossem compartilhadas pelas demais tropas do XL Exército. Seu material era geralmente suficiente — alguns funcionaram bem outros não — mas o emprego inadequado do equipamento em terreno diversificado não apresentou o resultado final esperado pelas tropas soviéticas e afegãs.⁶

A inadequada doutrina e a estrutura da força soviética resultaram em algumas táticas específicas erradas, distanciando-as cada vez mais da população afegã. Os soviéticos colocaram armadilhas em brinquedos, fizeram enormes campos minados e instituíram um plano sistemático de política de terra arrasada para atemorizar a população.⁷ A conscrição também resultou em um microcosmo de problemas da sociedade soviética para as filas de alistamento. A falta de ânimo político, a diversidade de antecedentes étnicos e o choque de normas culturais prejudicaram o início da missão.⁸ A guerra exacerbou esses problemas. Houve 73% (469.685) de baixa no efetivo de 642.000 militares soviéticos no Afeganistão.⁹ Os claros nas unidades do XL Exército, a ausência de rodízio nos quadros e a falta de experiência de combate, liderança e técnicas tiveram um efeito negativo no adestramento das forças afegãs.¹⁰

A falta de previsão para o estabelecimento das novas FA afegãs também solapou o esforço soviético. O Estado-Maior Geral Russo identificou a falta de tempo dos militares soviéticos no Afeganistão como a principal causa do fracasso no adestramento das forças da República Democrática desse país. A previsão de permanência no Afeganistão era de 18 a 21 meses para as praças e de dois anos para os oficiais. Uma das tarefas para oficiais intermediários e superiores era a de assessor. No entanto, “essa era considerada uma tarefa árdua pelos soviéticos”.¹¹ As condições de vida eram péssimas, a barreira entre culturas e idiomas era constante e os assessores sentiam-se

inseguros devido às atividades encobertas dos mujahideen. Conseqüentemente, essa missão não era considerada um “trampolim para a promoção”.¹² A falta de vontade política nacional agravou os problemas táticos e o relacionamento com os soldados: “a vontade política soviética, mesmo neste limitado nível de compromisso não era sustentável a longo prazo”.¹³ A deterioração e a perda eventual da vontade de lutar podem parecer surpreendentes devido à imagem usualmente severa e controladora do governo soviético. Todavia, à medida que a guerra transcorria, o Kremlin lenta e inevitavelmente sucumbiu à opinião pública e à realidade sombria da situação.

Os soviéticos compreenderam claramente que adestrar uma força nativa era vital para a vitória ou, pelo menos, para uma estratégia de retirada bem-sucedida. Sabiam também que defender as 29 províncias afegãs e sua diversificada população exigiria um grande apoio local.

Nawroz e Grau resumem o compromisso soviético com o Afeganistão: “Apesar de sua sofisticação, adestramento, meios materiais e sobrepujança numérica, nenhum exército pode alcançar o êxito no campo de batalha se não estiver preparado e motivado psicologicamente para a luta”.¹⁴ O historiador e perito soviético Robert F. Baumann sugere que os soldados soviéticos foram informados que seu papel no Afeganistão seria de libertadores. No entanto, eles rapidamente descobriram que isso não chegava nem perto da verdade.¹⁵ Um soldado das forças especiais russas (*spetsnaz*) da unidade Recon 66 recorda a variedade de mensagens, ou o “adestramento político” para a campanha afegã: “Primeiro nos disseram que estávamos ali para defender a fronteira sul, depois para cumprir o nosso dever internacional e posteriormente mencionaram outras asneiras.”¹⁶ À medida que as tropas ficaram frustradas e logo enraivecidas, elas concentraram sua agressão contraproducente contra a população afegã. Em suma, os militares soviéticos não estavam preparados para lutar contra o que se defrontaram no Afeganistão.

A Avaliação das Forças Afegãs

Antes da invasão soviética, o aumento do islamismo e do nacionalismo em todo o país fomentou uma nova cruzada ideológica que estabeleceu o ritmo para os próximos dez anos.¹⁷ Em março de 1978 uma divisão de infantaria afegã amotinou-se unindo-se a uma pequena, mas crescente, força rebelde. Depois de um golpe de estado pelo Partido Comunista Afegão em abril, o exército da República Democrática do Afeganistão começou a se deteriorar mais rapidamente. Os comunistas instituíram várias reformas para gerenciar a redução, mas as mudanças só diminuíram o apoio para o governo. Em fins de 1979, o Exército fora reduzido de 100.000 para 40.000 soldados (algumas fontes sugerem que chegou a 25.000), enquanto quase a metade dos oficiais haviam sido executados ou retirados das fileiras ou desertado.¹⁸ A situação só pioraria.

A avaliação soviética das forças afegãs durante aquela década oferece uma opinião quanto à ineficácia e a péssima condição física das tropas que adestravam. O estado-maior tinha certeza que a força da República Democrática do Afeganistão permanecia estável entre 120.000 a 150.000 homens durante toda a ocupação; contudo, uma fonte imparcial indica que o Exército contava com 40.000 homens em 1986 e nunca foi maior que isso.¹⁹ Dificilmente as forças aérea e de segurança poderiam proteger essa área. Além da errônea noção sobre o tamanho da força, o comando soviético reorganizou inadequadamente as Forças Armadas da República Democrática do Afeganistão. O comando pensou que o grande número de organizações, com uma variedade de estruturas, tinha um efeito negativo na disposição geral das forças armadas afegãs.²⁰ A solução soviética e o resultado eram previsíveis: juntaram as companhias independentes para formarem regimentos, os quais logo se consolidaram em organizações cada vez maiores. Assim sendo, os soviéticos impuseram um quadro de organização e dotação (QOD) no que restava das forças afegãs.²¹ Mas estas forças não estavam se preparando para o combate de alta intensidade no estilo daquele ocorrido na Brecha de Fulda; elas estavam combatendo uma insurgência irregular.

As forças afegãs estavam primordialmente armadas com equipamento soviético, menos sofisticado que as armas de seus irmãos eslavos. Um adestramento deficiente quanto ao uso do equipamento resultou em danos prematuros. Os índices de manutenção tornaram-se deploráveis e a falta de mecânicos capacitados, operadores de comu-

nicções e outros técnicos impediu uma solução a longo prazo.²² O reabastecimento inadequado pelos assessores soviéticos (e pelo sistema logístico da República Democrática do Afeganistão), o saque pelas forças rebeldes, as deserções e uma tendência de negociar equipamento por drogas, piorou ainda mais a situação. No fim da guerra, os mujahideen ou *dukhi* (espíritos fantasmas) como eram chamados pelos russos, estavam freqüentemente melhor armados do que seus rivais apoiados por uma superpotência.²³

Os soviéticos estabeleceram três campos de adestramento em Kabul: um para os oficiais do exército, outro para os da força aérea, e um terceiro para oficiais especializados. Alguns oficiais freqüentaram estabelecimentos de ensino na União Soviética para o adestramento necessário. Havia ainda uma escola para os oficiais superiores, onde eram ministrados cursos de 3 a 6 meses de duração. Mas parece que as escolas não eram eficazes: em 10 anos somente 3.000 oficiais, um número relativamente pequeno, receberam treinamento. Além disso, não havia um sistema que determinasse quando e para quem os treinamentos eram necessários. Um outro aspecto cultural agravou ainda mais os problemas existentes entre os oficiais: as promoções e as funções não eram estabelecidas pelo mérito, mas sim por ligações familiares, amizades e afiliações ao Partido Comunista.²⁴

O restante da Força Afegã — graduados e soldados — compunha-se de 70% de conscritos e de 30% de voluntários. A lei afegã exigia que 100% da população masculina prestasse serviço militar, porém os procedimentos locais para a imposição da mesma funcionava apenas 2/3 do tempo. Devido a esse motivo e também ao número elevado de baixas, as unidades só dispunham de 25% a 40% de seus efetivos.²⁵ Isso fez com que os novos recrutas fossem “pegos a laço”.²⁶ Nestas circunstâncias, o moral baixo era quase inevitável.

Uma vez incorporado, o novo soldado era submetido a treinamento básico de curta duração (um mês) em um dos 15 centros nacionais de adestramento, embora algumas divisões e brigadas estabelecessem seus próprios programas de instrução para os novos recrutas. O adestramento para os graduados durava três ou quatro meses. Antes de entrarem em combate, as unidades da República Democrática do Afeganistão deveriam realizar um adestramento de alta intensidade; contudo isso nem sempre acontecia. Depois do combate, tinham somente 20 dias para se reorganizar e se reequipar.

Fotos: Vladimir Grigoriev de <www.afghanwar.spb.ru/index_e.html>



Imagens da ocupação soviética no Afeganistão.

A administração dos problemas de pessoal, o adestramento insuficiente e o curto período de recuperação após o combate não eram os únicos problemas que afligiam os subalternos. Mensalmente entre 1.500 e 2.000 soldados desertavam, perfazendo 24.000 ao longo de um ano. A totalidade ou pelo menos a metade (dependendo da fonte) do Exército da República Democrática do Afeganistão desertou. A causa comumente mencionada era a falta de vontade. Os conscritos não sabiam pelo quê estavam lutando.²⁷

O Caminho para o Fracasso

Embora algumas unidades lutassem eficazmente, os soldados da República Democrática do Afeganistão fracassaram na maioria das operações nas quais participaram. As unidades eficazes eram normalmente constituídas por soldados da mesma etnia e cultura local. As unidades derrotadas empregaram táticas deficientes, possuíam um adestramento inadequado e não podiam se comunicar, pois seus rádios estavam freqüentemente indisponíveis pela falta de manutenção. As operações de grande escala da República Democrática Afegã foram realizadas com muitas dificuldades porque as forças soviéticas raras vezes compartilhavam as informações com os membros de sua coalizão temendo ser expostas ao

perigo.²⁸ O temor dos soviéticos era justificável, uma vez que os partidários mujahedeen haviam ocupado posições nos mais altos níveis das fileiras da República Democrática Afegã desde 1979.²⁹ As unidades soviéticas e afegãs realizaram missões combinadas de pequena escala, mas mesmo assim existia certa desconfiança e inimizade. Numa típica operação de cerco e vasculhamento, por exemplo, as forças soviéticas cercavam enquanto os afegãos realizaram a missão mais perigosa de vasculhamento. Outros planos soviéticos, em geral, “colocaram as forças afegãs à frente para atrair o fogo”.³⁰ Além dos riscos de segurança, as desconfianças resultavam das diferenças raciais, culturais e lingüísticas. Tais divergências causavam suspeitas, prejudicando a cooperação e o êxito nos campos de adestramento e de batalha.

Não houve apenas um motivo que causou o fracasso dos soviéticos no Afeganistão. Uma combinação de fatores criou o “Vietnã da Rússia”.³¹ Ambas a República Democrática do Afeganistão e a Rússia foram responsáveis pelo fraco apoio político que paralisou o adestramento e a ocupação. A falta de apoio e de determinação político ocasionou uma correspondente falta de vontade que solapou as tropas soviéticas e afegãs, bem como os seus líderes. Além disso, a doutrina, o equipamento e a organização deficientes tornaram

quase impossível o êxito da missão soviética. A obstinada insistência russa em convencionar as forças da República Democrática Afegã contribuiu decisivamente para o fracasso das operações.

Sem dúvida, a longevidade dessa guerra prejudicou os soviéticos. Quanto mais durava o conflito, mais era preciso investir em tecnologia e poder de fogo, estratégia esta que reduziu o número de soldados treinados, aumentou o número de baixas civis e cultivou o ódio pela guerra e por aqueles que a iniciaram. Com o transcurso do tempo, a resistência se solidificou, aumentando sua eficácia e ganhando mais aliados — principalmente os EUA.

Os resultados desta guerra horrível ficaram gravados na mente de gerações de afegãos que dificilmente irão esquecê-la. E, não deveria ter sido assim. Se o comando soviético tivesse tão somente superado sua “relutância e inércia cultural” o final da guerra poderia ter sido diferente.

Advertências para a Atualidade

Hoje devemos respeitar os fracassos do passado, mas com o propósito de aprender com eles. O passado não nos oferece soluções preestabelecidas para as atuais e futuras operações, porém

muitas vezes só temos a história como referência. Atualmente, seria impensável que as FA dos EUA destruíssem plantações, aterrorizassem civis ou colocassem armadilhas em brinquedos; contudo, os militares americanos deixaram muitas vezes de prestar a devida atenção aos erros e à má sorte de outros. Podemos aprender com a catástrofe soviética no Afeganistão: não considerar o Iraque como um compromisso a curto prazo ou como uma missão de dez anos para ser cumprida em apenas um; não adotar uma mentalidade de isolamento, que separe os soldados da possível solução — a população; não subestimar o inimigo; não exagerar suas próprias possibilidades de sucesso. Por outro lado, comprometer todos os recursos materiais necessários e a vontade à tarefa crucial de instruir e treinar a forças locais para alcançarem uma capacidade nativa. Evitar os erros que atormentaram o XL Exército no Afeganistão exige que os EUA se auto-examinem, permaneçam ágeis e mudem quando necessário. Se relutarmos a aprender, a auto-examinar e a nos adaptar poderíamos nos afundar no nosso próprio “Vietnã Afegão”. Qualquer que seja a decisão final, não devemos agir como os russos no Afeganistão. **MR**

Referências

1. CASSIDY, Robert M. *Russia in Afghanistan and Chechnya: Military Strategic Culture and the Paradoxes of Asymmetric Conflict* (Carlisle, Pensilvânia: U.S. Army War College, Strategic Studies Institute, 2003), p. 11, disponível em: www.carlisle.army.mil/sssi/pubs/2003/rusafgan/rusafgan.pdf, acesso em: 27 jul 2005.
2. NAWROZ, Mhommaz Y. e GRAU, Lester W., *The Soviet War in Afghanistan: History and Harbinger of Future War* (Forte Leavenworth, Kansas: Foreign Military Studies Office, sem data de publicação), pp. 4-5. O mesmo artigo foi publicado na edição em inglês da *Military Review* (September-October 1995): pp. 17-27.
3. PETERSON, Scott. “Afghanistan’s Lesson for Iraq,” *The Christian Science Monitor* (20 nov de 2003), disponível em: www.csmonitor.com/2003/1120/p06s01-woig.html, acesso em 29 de julho de 2005.
4. NAWROZ e GRAU, pp. 4-5.
5. PETERSON.
6. CASSIDY, pp. 28, 33.
7. *Ibid.*, pp. 14-15.
8. A composição étnica e cultural do XL Exército, sem mencionar a das forças afegãs, é demasiada complicada para ser discutida neste artigo. A diversidade provavelmente afetou o adestramento da RDA positiva e negativamente, mas decidimos destacar os aspectos negativos, especificamente a carência de cooperação e a inabilidade de superar as diferenças.
9. NAWROZ e GRAU, pp. 2, 6-7.
10. Estado-Maior Geral Russo, *The Soviet Afghan War, How a Superpower Fought and Lost*, tradutores e editores, GRAU Lester e GRESS Michael (Lawrence, Kansas: University Press of Kansas, 2002), p. 47.
11. O Estado-Maior Geral Russo, p. 52.
12. *Ibid.*
13. CASSIDY, p. 28.

14. NAWROZ e GRAU, p. 17.
15. BAUMANN, Robert F. entrevista com o autor, Fort Leavenworth, Kansas, 17 nov 2004.
16. A diferença das Forças Especiais dos EUA, no papel das Forças Especiais (*Spetsnaz*) na guerra era a ação direta e não o adestramento. Veja GUSINOV, Timothy “Soviet Special Forces (*Spetsnaz*): Experiences in Afghanistan,” edição em inglês da *Military Review* (March-April 2002): p. 105-107, disponível em: www.leavenworth.army.mil/milirev, acesso em: 27 jul 2005; Bill Powell (apresentado por VOLLKOV, Vladimir, OWEN, Matthews e DLUGY Yana), “The Haunted, In the Realm of the Spirits, Back into the World,” *Newsweek*, edição internacional (22 fev 1999): p. 37.
17. CASSIDY, p. 27.
18. NAWROZ e GRAU, p. 2.
19. REESE, Roger R. *The Soviet Military Experience* (Londres: Routledge, 2000), p. 167.
20. O Estado Maior Geral Russo p. 49.
21. *Ibid.* pp. 49-50.
22. *Ibid.*
23. NAWROZ e GRAU, p. 5.
24. O Estado-Maior Geral Russo, pp. 49-51.
25. *Ibid.* p. 50.
26. Entrevista com, BAUMANN.
27. O Estado-Maior Geral Russo, p. 50.
28. REESE, pp. 167-69.
29. Entrevista com BAUMANN.
30. O Estado-Maior Geral Russo, p. 52.
31. O autor admite que o termo “Vietnã da URSS” é mais uma figura retórica que realidade. A correlação entre as duas guerras é frequentemente exagerada. É necessário um estudo e entendimento detalhados quando se faz uma comparação entre as duas guerras.

O Major Stephen Pomper, do Exército Americano, é planejador de manobra da seção G3 da 1ª Divisão de Cavalaria no Forte Hood, Texas. Possui os títulos de Bacharel pela University of New Hampshire, o de Mestre em Artes e Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA, graduando-se também pela Escola de Estudos Militares Avançados. Serviu em várias missões de comando e estado-maior no território continental dos EUA e na Coreia.